

XIV ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA

1964-2014: 50 ANOS DO GOLPE MILITAR NO BRASIL



7 A 10 DE OUTUBRO DE 2014

Universidade Estadual do Paraná / Campo Mourão - PR

ISSN 1808-9690

A EXTREMA DIREITA NA FRANÇA NA DÉCADA DE 50: O MOVIMENTO POUJADISTA E A GUERRA DA ARGÉLIA

Guilherme Ignácio Franco de Andrade¹
Unioeste

Resumo: Este trabalho visa demonstrar a participação dos grupos de extrema na França durante a década de 50, em meio a dois processos que ocorriam paralelamente durante essa década. Um desses processos em que a extrema direita participa ativamente foi durante a Guerra de independência da Argélia. Esse conflito foi providencial para que a extrema direita conseguisse se rearticular e se mobilizar no cenário político. O conflito da Argélia se mostrava como uma boa oportunidade para o renascimento da extrema direita, procurando apagar o legado de Vichy e incorporar outras novas questões e criar uma nova identidade. Paralelamente na capital francesa surgiu um movimento protofascista de pequena burguesia chamado Poujadismo. O movimento se organizava em torno da União da defesa dos comerciantes e artesãos. Esse movimento da pequena burguesia foi apoiado amplamente por militantes que haviam participado do regime colaboracionista de Vichy.

Palavras-chave: Extrema Direita; Guerra da Argélia; Poujadismo.

Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Com a derrota da Alemanha em 1945 para as forças aliadas, decretou-se o fim dos principais modelos de regimes fascistas, ainda que ele tenha permanecido politicamente ativo em alguns países europeus como a Espanha, Romênia, Portugal. Na França o fim do governo provisório de Vichy sacramentou a derrota do fascismo implantado pelos grupos extremistas no país. Esse processo histórico deixou marcas profundas na sociedade francesa, em primeiro lugar a sensação de

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em História, Poder e Práticas Sociais da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Unioeste, Campus Marechal Cândido Rondon. Sob orientação do Prof. Dr. Gilberto Grassi Calil. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

frustração diante da derrota para Alemanha, do período de ocupação alemã e em segundo pelo terror de Estado imposto por Pétain e Laval.

Essa cicatriz da ocupação geraram uma aversão por parte da população em partidos conservadores e de extrema direita. Um dos principais motivos para o enfraquecimento desses grupos políticos se deve ao fato da ainda recente e fresca lembrança da população francesa com os atos praticados por esses grupos em prol do nazismo e apoio do regime autoritário e colaboracionista de Vichy, que perseguiu sistematicamente os judeus, comunistas, socialistas e membros da resistência francesa, sendo muito deles assassinados e enviados para campos de concentração.

Para o historiador Peter Davies (2002, pg. 122) no pós guerra a direita e a extrema direita passaram por seu período político mais difícil. O Marechal Phillippe Petain foi sentenciado a pena de morte, mas conseguiu reverter sua pena para prisão perpétua, onde ficou preso até sua morte em 1951. Pierre Laval primeiro ministro na França do governo de Vichy, foi condenado por traição e executado na França em 1945. Os outros membros do governo colaboracionistas foram exilados ou presos. Contudo apesar das complicações políticas, a extrema direita não sumiu completamente do cenário político. Iremos estudar o processo de continuidade do fascismo na década de 50 e 60.

Na década de 50, existiram dois movimentos sociais distintos, que surgiram paralelamente, o movimento *Algérie Française*² e o Poujadismo, esses dois movimentos vão ajudar a gerar vários grupos radicais que apresentam características fascistas, extremistas e ultranacionalistas. Esses movimentos são compostos por sujeitos que participaram do governo de Vichy, ou simpatizantes do fascismo empreendido por Pétain e Laval. Para o desenvolvimento da dissertação entendemos que estudar esses dois movimentos são fundamentais para compreender a criação do partido Front National, pois seu principal representante Jean-Marie Le Pen iniciou sua carreira política como deputado do movimento Poujadista e a parte dos membros da FN participou em um desses dois movimentos (DAVIES, 2002, pg. 122). Então esses dois processos vão ser importantes para a formação e desenvolvimento do que se tornaria a ideologia do partido FN.

²Argélia Francesa.

Para o historiador Peter Davies, pensar a extrema direita no pós guerra, merece algumas considerações por parte dos pesquisadores e algumas perguntas devem ser elaboradas, quais as influências que esses dois movimentos tiveram na criação da FN, quais seriam as novas justificativas políticas para a existência dessa nova extrema direita, quem seriam seus intelectuais orgânicos, como adaptar o fascismo a uma nova realidade,

como as próximas décadas iriam demonstrar, a tradicional extrema direita não havia sido extinta. Em 1950 o movimento Argélia Francesa e o fenômeno do Poujadista surgiram para dar vida nova para as direitas, e nos anos de 1980 e 1990 Jean-Marie Le Pen (Front National) iria dominar a política francesa – embora o partido só conseguisse 10% – 15% dos votos nacionais. Mas, neste período pós-guerra, que tipo de extrema direita que estamos falando? Qual pretexto eles adotaram? Quais temas eles dariam ênfase? Quais características eles possuíam? Quais ideias ligam a Argélia Francesa, o Poujadismo à política de Jean-Marie Le Pen (Lepenismo)?(DAVIES, 2002, pg. 123)

O conflito argelino aparentemente, deu a extrema direita a melhor oportunidade de rearticulação desde o final da guerra, foi uma grande oportunidade para recrutar simpatizantes e mobilizar seus aparelhos hegemônicos para tentar influenciar os acontecimentos políticos nacionais. Esse retorno da extrema direita fica evidente na variedade de pequenos grupos e associações que se formaram para fazer campanha a favor do movimento *Algérie Française*. A discussão sobre as colônias francesas tomou a sociedade e reacendeu os sentimentos de paixão pela pátria e ativou o sentimento de nacionalismo que não aparecia desde a 2ª Guerra Mundial (MARCUS, 1995, pg.15). A disputa da Argélia permitiu o retorno de vários debates dentro da sociedade francesa e a extrema direita dirigia o debate, pautando as questões que deveriam ser discutidas. Esse período colaborou para uma crescente hostilidade de alguns setores aos partidos de esquerda que defendiam a independência das colônias (DAVIES, 2002, pg.122). A extrema direita proclamava sua preocupação com a diminuição do status do país enquanto potência mundial, visto que a França se encontrava em processo de reconstrução devido as consequentes destruições durante a guerra. O país passava por um processo de reestruturação, de desenvolvimento industrial, patrocinado pelos Estados Unidos através do plano Marshall (MARCUS, 1995, pg.16).

O primeiro movimento foi a *Algérie Française* que surgiu na década de 50, durante as revoltas que insurgiram nas colônias francesas, em busca da

independência. Ela foi providencial para que a extrema direita conseguisse se rearticular e se mobilizar no cenário político. O conflito da Argélia se mostrou a melhor oportunidade para o renascimento da extrema direita, procurando apagar o legado de Vichy e incorporar novas questões e criar uma nova identidade. Essa mobilização da extrema direita influenciou uma variedade de associações e organizações que foram criadas para fazer campanhas contra a independência da Argélia e das outras colônias francesas na África. Para Davies (2002, pg.124) esse movimento foi capaz de recriar um sentimento de paixão e nacionalismo que havia se perdido depois da 2ª Guerra, gerando um grande debate entre os partidos, já que o partido socialista era a favor da independência das colônias. Para a direita, a perda das colônias seria determinante para o rebaixamento da França como potência mundial, perdendo mais espaço para outras potências como Estados Unidos, União Soviética e Inglaterra.

O movimento *Algérie Française* atraiu muitos rótulos, mais notavelmente, "ultranacionalista", "fascista" e "ultradireitista". Ele incorporou forças intransigentes no exército: Militantes do movimento Argélia, descendentes de franceses que nasceram na Argélia, mas lutavam a favor da França e pequenos grupos neofascistas. Tal mistura gerava muita tensão dentro do exército francês, mas os três grupos trabalharam para os mesmos fins, manter a Argélia como território francês. Durante o conflito, segundo os historiadores, morreram em torno de um milhão de pessoas, o exército francês foi acusado de ter utilizado métodos bárbaros de tortura, dignos da Gestapo (SIMMOS, 1996, pg.37).

Para o historiador Robert Gildea (2002, pg.21) a II Guerra Mundial trouxe diversas consequências para a França, dentre essas implicações, podemos destacar algumas questões importantíssimas. A questão econômica, pois atravessava um período financeiro complicado, existia a necessidade de reconstruir o país destruído durante o conflito, desde a construção de casas, locais para o comércio, assim como obras de infraestrutura, como usinas geradoras de energia, reconstrução dos portos, estradas, escolas, universidades e investir nas indústrias para o desenvolvimento completo do capitalismo (GILDEA, 2002, pg.21). A política interna precisava ser reconstruída com o nascimento da IV República (1946 - 1958), o retorno do processo democrático, o desenvolvimento de um processo eleitoral e de criar uma nova constituição. E por último o desenrolar da crise no império francês e suas colônias (GILDEA, 2002, pg.21). O processo de reconstrução do país e o

enfraquecimento político colaboraram para que as colônias se mobilizassem para lutar pelo seu processo de independência. Dentre esses processos podemos colocar a guerra na Argélia como o início da crise do império francês.

A Argélia foi colonizada pela França em 1830, mas dentre as colônias francesas ela tinha um tratamento diferenciado, a Argélia era considerada uma extensão do território nacional, como parte integrante da França. Para James Shields (2007, pg.90) essa colônia tinha maior importância para a França, por ter uma parcela significativa de franceses que habitavam esse país, em torno de 1 milhão, conhecidos como *pied-noir*³. Essa população mantinha relações econômicas estreitas com a França, pois a grande maioria dos franceses na Argélia representavam as classes dominantes da região, eles atuavam em setores da agricultura, exploração de minérios e no comércio. Outro ponto importante e muito significativo para que parte dos políticos franceses, defendessem a permanência da Argélia enquanto território, foi a descoberta de grande quantidade de petróleo na colônia.

Enquanto os preparativos para o conflito na Argélia se aproximava a cada dia, na França, um movimento de pequena burguesia, conhecido como Poujadismo, começou a ganhar corpo e a crescer em número de adeptos. Ele foi um movimento político de extrema direita, deve seu nome a Pierre Poujade, um livreiro que formou este movimento muito ativo e agressivo, o poujadismo foi politicamente ativo entre 1954 e 1958. O movimento se organizou em torno da União da defesa dos comerciantes e artesãos. Esse movimento da pequena burguesia envolveu diretamente grupos que no passado teriam apoiado o regime de Vichy. Como em outros movimentos fascistas, podemos observar que grande parcela da pequena burguesia apoiava os regimes autoritários (SHIELDS, 2007, pg.37-44).

O movimento Poujadista foi lançado em julho de 1953, ficou marcado por ser uma manifestação dos médios e pequenos comerciantes, um protesto contra as novas leis fiscais do país. As leis fiscais da IV República criaram um novo sistema para investigar e evitar a sonegação de impostos e como punição dos fraudadores, eram executadas multas altas para os comerciantes que eram enquadrados. Para Poujade as novas leis fiscais eram absurdas e anacrônicas, não faziam sentido a realidade francesa. Pierre Poujade era membro do conselho municipal de uma

³ Pés Negros era como se chamava a população francesa que vivia na Argélia. A referência dos pés negros vem do calçado utilizado por essa parcela da população.

pequena cidade do interior, ele era conhecido por ser católico fervoroso e grande admirador de Charles Maurras, em seu início na política ele teria flertado com o partido fascista PPF de Jacques Doriot (ANDERSON, 1974, pg.68-69).

O poujadismo enquanto movimento se colocava como antisocialista, anti-intelectual (academico ou vanguarda) e antieuropeu. Ele buscava a afirmação da identidade francesa como caráter primordial e se posicionando contra tudo que supostamente representaria uma ameaça à soberania nacional: a imigração, a Europa, as autoridades fiscais. O movimento poujadista se nutre de uma base social composta por pequenos comerciantes e da pequena burguesia, que posteriormente seriam acusados de controlar a inflação da IV República. O Poujadismo pode ser considerado importante, pois foi o primeiro movimento populista na Europa no Pós Guerra. Ao contrário do fascismo francês, que explicitamente se opôs às conquistas da Revolução Francesa, o Poujadismo não renegava a República e as tradições liberais (ANDERSON, 1974, pg.39). Os poujadistas na eleição de 1956 conseguiram 52 assentos na Assembleia Nacional, entre eles, o jovem Jean Marie Le Pen (SIMMONS, 1996, pg.38).

No que nos importa estudar sobre o conflito da Argélia e o movimento Poujadista é pensar como eles funcionam para o desenvolvimento da extrema direita, portanto não vamos nos aprofundar no cotidiano do conflito ou na campanha política de Pierre Poujade, mas apenas explorar a atividade dos grupos de extrema direita. Dentre os grupos que vão surgir durante os anos da guerra, iremos dar atenção especial a três grupos específicos, a *Organisation Armée Secrète*⁴ (OAS), a *Jeune Nation*⁵ (JN) e a *Fédération des Etudiants Nationalistes*⁶ (FEN).

Na década de 60 na França, durante os debates na sociedade civil sobre o conflito argelino, a OAS aparece gerando terror a população francesa. Esse grupo paramilitar terrorista se colocava contra as posições políticas da maioria dos partidos franceses que militavam para a independência da Argélia. A OAS iniciou suas atividades terroristas atacando políticos da oposição, seus primeiros alvos foram figuras políticas da esquerda e mulçumanos (SIMMONS, 1996, pg.45). O início das suas ações terroristas foi na Argélia contra membros da Armada de Libertação Nacional (ALN) e da Frente de Libertação Nacional (FLN). As letras OAS

⁴ Organização Armada Secreta.

⁵ Jovem Nação.

⁶ Federação dos Estudantes Nacionalistas.

apareceram pela primeira vez nos muros de Argel acompanhadas do slogan *L'Algérie est française et le restera* ("A Argélia é francesa e continuará sendo").

A OAS foi formada na Espanha em 1961, por oficiais do exército francês, Pierre Lagaille, o General Raoul Salan e Jean Jacques Susini, alguns meses mais tarde seria formada uma célula da OAS em Paris, por Yves Guérin-Serac e pelo capitão Pierre Sergent. Ela possuía características ultranacionalistas, uma de suas principais campanhas era para a permanência da Argélia enquanto território francês. A OAS surge após a declaração do então presidente Charles de Gaulle, de que apoiava a independência da Argélia (SHIELDS, 2007, pg.97).

Esses oficiais faziam parte da Organização de resistência da Argélia Francesa. Na Argélia o foco terrorista da OAS era composto por colonos nascidos na Argélia que não queriam a independência do país e judeus argelinos que se uniram à facção após atentados a sinagogas pela FLN. A tática da OAS era fazer sabotagens e assassinatos para impedir que a independência da Argélia se concretizasse (SHIELDS, 2007, pg.104). A OAS atuava como uma organização paramilitar clandestina, composta por militares, estudantes, e neofascistas. A base de apoio da OAS incluía sobretudo os *piedsnoirs*, mas também os militares e os argelinos leais à França. Durante sua existência a organização realizou várias ações terroristas tanto na Argélia, como na França. A sua ação mais conhecida foi o atentado contra a vida do presidente da França o general Charles de Gaulle e dois atentados a bomba ao intelectual marxista e membro do FLN, Jean-Paul Sartre.

A OAS em sua primeira fase empreendeu séries de atentados na Argélia destruindo centenas de casas e matando várias pessoas (MAZRUI; WOMDJI, 2010), sua tática de ação preferida era planejar atentados a bomba. Em seguida a OAS se voltou para França, procurando eliminar aqueles que consideravam subversivos, segundo Simmons,

A OAS mudou suas operações para a França. Bombas eram enviadas para bairros árabes em cidades francesas, atentados eram feitos contra pessoas leais ao exército, a delegacias de polícia e vários escritórios e prédios do partido comunista foram alvejados (SIMMONS, 1996, pg.45).

A campanha dos atentados continuou durante o ano de 1961, após seguidos atos terroristas, a OAS consegue assassinar o líder liberal MaitrePopie e a partir desse assassinato o grupo parte para a Argélia onde conseguem massacrar mais

de 500 pessoas em uma série seguida de atentados à bomba (DAVIES, 2002, pg.125).

Para James Shields (2007, pg.107), a OAS enquanto grupo político propôs muito pouco enquanto projeto social e político, ela apresentava sérios problemas de sectarismo e ações individuais. Outro fator que pesava contra a OAS é o hostilidade, marginalidade e rejeição do grupo pela grande maioria da população francesa.

A OAS continuou sua luta contra a FLN até 1962, quando De Gaulle decreta o acordo Evian, que assegura a independência da Argélia e coloca fim ao conflito entre os dois países (WINOCK, 1994, pg.236). Mesmo com o acordo de cessar fogo e o fim da guerra da Argélia, a OAS continuou atuando na Argélia até 1963, quando grande parte das suas lideranças são presos e conseqüentemente fuzilados (WINOCK,1994, pg.236). Os militantes que sobreviveram foram exilados para Espanha, acolhidos pelo ditador Franco. Em julho de 1968 o governo francês decretou anistia a Raoul Salan, Edmond Jouhaud e mais outros generais e membros da OAS, sendo os militares absolvidos de seus crimes e reintegrados ao exército (MILZA, 1987, pg.319-320).

Enquanto a OAS lutava na França e na Argélia, haviam outros grupos de extrema direita se mobilizando na política, a JN e a FEN militavam politicamente para o desenvolvimento do nacionalismo extremista na França. Esses grupos eram formados por estudantes, ex combatentes, militares e intelectuais universitários. Esses grupos são importantes por abrigarem membros da OAS, do PPF, Petainistas, Vichystas e é claro a aproximação dos três principais futuros líderes políticos da FN, Jean Marie Le Pen, François Duprat e Bruno Megret.

Existiram outros grupos de extrema direita durante esse período mas que não conseguiram alcançar grandes projeções, mas para demonstrar a quantidade de movimentos extremistas que existiram, acreditamos ser importante cita-los, como por exemplo o *Parti Prolétarien National-Socialiste*⁷ (PPNS) de Jean-Claude Monet, ex membro da Falange Francesa, Monet declarava um antisemita e nacional-socialista convicto (ALGAZY, 1984, pg.249-251). Em 1963 o partido mudaria de nome se tornando o *Parti National-Socialiste Ouvrier Français*⁸ (PNSOF)

⁷ Partido Proletário Nacional Socialista.

⁸ Partido Nacional Socialista dos trabalhadores Franceses.

incorporado por dois outros grupos inspirados no nacional-socialismo, como a *Organisation du Svastika*⁹(OSS) e a *Organisation des Vikings de France*¹⁰ (OVF).

Esses grupos tinham como programa político, organizar uma sociedade baseada no Nacional-Socialismo de Hitler, o movimento procurou ressuscitar a simbologia nazista e suas cerimônias e passeatas (ALGAZY, 1984, pg.252-264). As principais características do grupo era o clamor por uma política autoritária, elitista e profundamente racista. O governo de Vichy era a maior referência política do PNSOF, a ideia das forças estrangeiras controlando a França e do complotê internacional dos judeus, os membros do partido clamavam a população a combater os inimigos internos – judeus, comunistas e maçons - e a negação do conceito de igualdade, liberdade e fraternidade(ALGAZY, 1984, pg.248).

Segundo o historiador Joseph Algazy (1984, pg.120; 160; 168)¹¹ na década de 50 e 60, entre todos os grupos fascistas na França a JN era a mais promissora. Formada em 1949 pelos irmãos Pierre e Jacques Sidos, eles eram os principais intelectuais do grupo durante sua formação, influenciados pela doutrina nacional socialista do *Parti Franciste*¹² de Marcel Bucard (MILZA, 1987, pg.269-297). Com aproximadamente três a quatro mil militantes na França e na Argélia, a JN propunha substituir a IV República por um Estado forte, controlado pelas autoridades militares, ultranacionalista, reforçava a ideia da defesa do império colonial francês contra as insurreições para independência. A JN foi o primeiro grupo a usar a cruz celta como símbolo (SHIELDS, 2007, pg.112).

Com o propósito de montar um programa político que trouxesse de volta as raízes do exemplo fascista de Vichy, a JN procurou resgatar algumas propostas da Revolução Nacional. Em primeiro lugar a JN se agarrava fortemente no antissemitismo, por acreditar na participação dos judeus na exploração dos recursos nacionais, por sua apropriação e enriquecimento individual, no controle e desenvolvimento do capitalismo em benefício próprio contrários aos interesses nacionais e da população francesa. E também o antissemitismo para a JN estava diretamente ligado com a especulação internacional e controle dos mercados europeus.

⁹ Organização da Suástica.

¹⁰ Organização dos Vikings da França.

¹¹ Idem, pg.120, 160, 168

¹² O Partido Francista era um partido fascista e antissemita fundado em 1933 por Marcel Bucard. O movimento Francista chegou a ter 10 mil membros, e era financiado pelo ditador italiano Benito Mussolini.

A JN se preocupava com o retorno da sociedade moderna, a estrutura familiar e hierarquizada a partir do homem, sendo relegada à mulher, apenas a função de cuidar da família e como reprodutora, excluindo as mulheres da participação política e social. Nessa concepção a JN se apegava ao moralismo da sociedade e vai batalhar contra o alcoolismo, mendicância, condenar à prostituição e exploração do corpo feminino, por considerá-lo sagrado. A intenção política da JN era de desenvolver uma campanha de higiene social, acabar com os mendigos, pobres e colocava como proposta maior a destruição das favelas.

Um dos grandes objetivos da JN era conseguir estabelecer um vínculo de proximidade com as classes operárias, por considerar importante o apoio do proletariado para conseguir chegar ao poder. Para isso tinha que disputar a sua popularidade contra seu maior oponente o PCF, considerado seu maior opositor. Suas aspirações enquanto partido, era se tornar um partido de massas, como foi o *Partito Nazionale Fascista*¹³ (PNF), planejavam a tomada do poder através de um golpe, de uma marcha das massas. Como grande parte dos projetos fascistas que vimos na França, a maioria deles se opunham à República, a JN não poderia ser diferente, ela a considerava um fracasso, frágil e que a IV República estava dominada por seus inimigos internos judeus, maçons e comunistas.

Por sua postura agressiva e militância truculenta a JN é proibida de exercer atividades pelo governo e obrigada a ser fechada legalmente. Em 1960 ela se une a *Fédération des Etudiants Nationalistes*¹⁴ (FEN) como alternativa para continuar suas atividades políticas. A FEN surgiu durante os anos da Guerra da Argélia no meio universitário, ela era ultranacionalista, racista, xenófoba, antissemita e antiliberal, seu objetivo principal durante o conflito argelino era conseguir disseminar o seu programa antidemocrático no meio universitário. Ela foi fundada por estudantes da Universidade de Sorbonne, que se colocavam enquanto intelectuais de vanguarda, diferente da JN que atuava como grupo paramilitar. O objetivo da FEN era ser tornar um grupo intelectual, e caberia ao grupo ter o papel de desenvolver um projeto hegemônico para a extrema direita. Os fundadores da FEN utilizavam os pseudônimos de François d'Orcival e Fabrice Laroche para assinar os textos produzidos por Amaury de Chaunac-Lanzac e Alain de Benoist respectivamente (ALGAZY, 1984, pg.284). A criação da FEN para Chiroux (1974,

¹³ Partido Nacional Fascista, de Benito Mussolini.

¹⁴ Federação dos Estudantes Nacionalistas.

pg.120) foi uma resposta dos estudantes conservadores à crescente vertente dos marxistas na academia francesa e dos movimentos estudantis, em particular a *Union Nationale des Étudiants de France*¹⁵ (UNEF).

Em 1965 a FEN já tinha conseguido se expandir, aproximadamente 2,500 militantes em Paris e centenas em outras universidades como Marselha, Aix, Nice e Toulon. O principal método de divulgação do seu projeto hegemônico era através de pequenos jornais, fóruns e grupos de pesquisas. Após a associação entre a JN e a FEN, os militantes de ambos os grupos partiram para o combate nas ruas, para passar uma mensagem agressiva para seus opositores, mostrar que a extrema direita estava de volta as ruas.

A FEN então lançou um manifesto, conhecido como “Manifesto da classe 60”, neste manifesto o grupo propunha que os franceses brancos eram a base fundamental da existência do país enquanto nação e por isso era de vital importância manter a sobrevivência desse grupo étnico (ALGAZY, 1984, pg.198). A ideia principal do manifesto era demonstrar para a sociedade, que a raça branca francesa, representava a resistência contra a sociedade global e os valores do individualismo, pois a nação francesa era fundadora do amor à pátria e do nacionalismo (ALGAZY, 1984, pg.198).

No manifesto a FEN marca suas posições contra o socialismo e o marxismo acadêmico, pois colocava como objetivo primordial a expulsão do marxismo das universidades francesas. A FEN em seu manifesto apresenta pela primeira vez nos grupos de extrema direita o conceito de “etnia europeia”, que propunha uma Europa apenas para os povos europeus (brancos), mas cada país deveria permanecer etnicamente homogêneo, esse conceito depois seria melhor desenvolvido por Alain Benoist no *Nouvelle Droite*¹⁶ e pelo *Groupement de Recherche et d'études pour La Civilisation Européenne*¹⁷ (GRECE). Esse conceito foi desenvolvido pela FEN no imaginário do conflito da Argélia, por entender que ele foi o estopim para as revoltas coloniais e deu margem para o que eles classificavam como “ a revolta dos coloridos” (SPEKTOROWSKI, 2003, pg.55-70). Essa insurreição das colônias contra a civilização branca, segundo a FEN seria um projeto de destruição do legado ariano e teria sido articulada pelos comunistas, e também seria de interesse dos

¹⁵ União Nacional dos estudantes da França.

¹⁶ Nova Direita.

¹⁷ Grupo de pesquisas e estudos para a civilização europeia.

judeus em desenvolver o capitalismo e explorar a mão de obra dos africanos e sugar as suas riquezas(SPEKTOROWSKI, 2003, pg.55-70).

Mesmo com a parceria entre a JN e a FEN, os grupos não conseguiram avançar politicamente, continuaram limitados a uma pequena parcela de militantes e fracassaram no combate de assegurar o império francês. Segundo James Shields,

A razão principal da renovação da política e da ideologia da extrema direita, foi a incorporação de novas ideias pelos membros mais jovens. Os anos de 1954 – 62 representou uma fase de transição entre a velha guarda e a nova geração. Movimentos como a JN e a FEN serviram como treinamento para que algumas das principais figuras da extrema direita das próximas quatro décadas. (SHIELDS,2007, pg.115)

A importância da JN e FEN é por esses grupos terem deixado um projeto bruto para que fosse futuramente lapidado, para que a extrema direita conseguisse dosar entre a militância agressiva da JN e o lado intelectual da FEN (SHIELDS, 2007, pg115). Outro elemento que Shields considera importante é por esses grupos terem fornecido base intelectual e a experiência da militância para alguns políticos que se tornariam elementos principais na extrema direita francesa como Jean Marie Le Pen e François Duprat futuros fundadores da partido *Front National*.

Referências Bibliográficas

ALGAZY, J. *La Tentation néo-fasciste en France de 1944 à 1965*. Paris, Fayard, 1984.

ANDERSON, M. *Conservative Politics in France 1880–1958*, London, George Allen & Unwin, 1974.

CHIROUX, R., *L'Extrême-droite sous la Ve République*. Paris, Librairie Générale de Droit et de Jurisprudence, 1974. p. 120 n. 419

DAVIES, P. *The Extreme Right in France, 1789 to the Present: From the Maistre to Le Pen*. New York and London, Routledge. 2002.

GILDEA, R. *France since 1945*. New York and Oxford. Oxford University Press. 2002.

MARCUS, J. *The National Front and French Politics*, London, Macmillan, 1995.

MAZRUI, A; WOMDJI, C. *História geral da África, VIII: África desde 1935*. Brasília: UNESCO, 2010.

MILZA, P. *Fascisme français: passé et présent*. Paris, Flammarion, 1987.

SHIELDS, J. G. *The Extreme Right in France: From Pétain to Le Pen*. London and New York, Routledge, 2007.

SIMMONS, H. G. *The French National Front: The Extremist Challenge to Democracy*. Oxford, Westview, 1996.

SPEKTOROWSKI, A. *Ethnoregionalism: The Intellectual New Right and the Lega Nord*. *The Global Review of Ethnopolitics* Vol. 2, no. 3, Tel Aviv University, 2003.

WINOCK, M. *Histoire de l'extrême-droite en France*. Paris: Seuil, 1994.